

Visita energética na Ásia

Ao escutar os líderes mundiais durante o 22º Congresso Mundial de Energia na Coreia do Sul e nos últimos dez dias respirando energia em um continente que está vivendo a segunda revolução industrial do planeta, ficamos convencidos, mais do que nunca, que o mundo precisa de uma discussão pragmática sobre energia.

Do lado da demanda, fica claro que a eficiência energética é o que mais precisa ser perseguida. Isso todos concordam, principalmente os países que tem na energia seu principal item de importação e balanço de pagamento. Mas, ainda assim, o progresso é lento. O Japão, Coreia do Sul e países da Europa dependentes da importação de fósseis, investem pesado em tecnologias que visam economizar energia. Apesar disso, a demanda continua crescendo nos países desenvolvidos, pois o mundo digital precisa de mais carregadores dos equipamentos e agora a “nuvem” passa a ser a grande demandadora de energia, já sendo 2,5 % do consumo mundial.

Por outro lado os países em desenvolvimento passam a ser os maiores demandadores de energia do planeta. A China que hoje consome cerca de 5000 TWh – dez vezes mais que o Brasil – deverá alcançar 8600 TWh em 2020 e poderá chegar a 14000 TWh em 2035, segundo algumas empresas de consultoria. Os outros países mais pobres do sudoeste asiático (Camboja, Laos, Indonésia, etc.) estão com a demanda de energia aquecida, não esquecendo da Índia que ainda tem 289 milhões de pessoas sem acesso à energia elétrica. Com isso, o mundo deverá ter uma demanda de energia acrescida entre 27 a 60 % em 2050, segundo os cenários desenvolvidos pelo Conselho Mundial de Energia - WEC, ou seja, haverá certamente um aumento de demanda para atender um planeta com nove bilhões de pessoas.

Pelo lado da oferta, fica claro que os combustíveis fósseis, apesar do aumento das fontes renováveis, permanecerão sendo a base da matriz energética mundial (60 a 80%). Como referência, nos próximos cinco anos entrarão em funcionamento na Ásia 600 GW, sendo que a metade são usinas movidas a carvão. Somente a China, em 2012, colocou em operação 476 TWh – equivalente a um Brasil – de geração a carvão e pretende acrescentar até 2030 mais 335 GW a carvão ao seu atual parque de 870 GW. O carvão por ser abundante e mais barato é o combustível da vez da Ásia onde a Indonésia, Mongólia e Austrália são os principais fornecedores a países importadores como China, Índia, Japão e Coreia do Sul.

No ano de 2012, o mundo consumiu mais 170 milhões de toneladas de carvão, mas não foi só na Ásia. Alemanha, Reino Unido e a Espanha aumentaram seu consumo devido a substituição de usinas a gás pelo carvão importado do Estados Unidos. O gás de xisto, por deslocar o carvão nos USA, deslocou o gás na Europa que deverá ter cerca de 50 GW de térmicas a gás hibernadas nos próximos meses. Apesar do carvão ainda ser o combustível que mais cresceu no século 21, no ano passado cresceu 2,3 %, o gás natural foi o combustível mais discutido no Congresso do WEC. O efeito Fukushima, que levou o Japão a paralisar seu parque de 50 usinas nucleares, fez com que a demanda de gás liquefeito -GNL na Ásia fosse aumentada e conseqüentemente os preços subiram. Apesar dos terminais de GNL que serão abastecidos pelo gás de Xisto americano ter foco no mercado asiático, a expectativa é que o mercado de gás mantenha-se justo, pressionando os preços. Não espera-se que haja, em curto prazo, o aumento de produção de gás de xisto na Ásia e nem na Europa replicando o exemplo americano. Por outro lado o mercado do gás irá crescer visto a crescente demanda asiática por esse insumo, principalmente para uso em transporte e para uso residencial (ex. a China tem cerca de 423 milhões de pessoas que não tem energia limpa para cozinhar). O efeito Fukushima, fez com a Alemanha desativasse oito

reatores e com isso, visto a necessidade de energia firme, fomentou um programa de 12 GW de carvão até 2016, onde 5,3 GW iniciam a operação ainda em 2013. O mundo de incertezas nas previsões na área energética é muito grande. A revolução do gás de xisto irá para os outros países? a que velocidade? que fonte deslocará? como fica a aceitação da questão nuclear? qual será a velocidade das tecnologias para aumento da eficiência energética e como irão ficar as negociações de mudanças climáticas em 2015? São pontos a serem definidos e de alto grau de incerteza. Por outro lado, fica o questionamento, “se o mundo, nas próximas décadas terá a base de sua matriz com fósseis (60 a 80 %) e se o CO2 irá causar os problemas citados pelo IPCC, teremos que criar e implementar tecnologias que reduzam o carbono do setor energético e a principal tecnologia é a Captura e o Armazenamento do CO2 – CC(U)S”.

A tecnologia está disponível mas ainda não iniciamos a sua curva de aprendizagem por falta de apoio governamental. O desenvolvimento do CC(U)S está lento por falta de vontade política e isso não conseguimos entender, pois a equação só fecha se houver um investimento anual em P&D de, no mínimo, equivalente à metade do gasto com o setor nuclear, e equivalente ao investido nas renováveis, cerca de 22 bilhões de U\$D.

Portanto, chegou a hora de tratarmos o mundo da energia como um programa de Estado e não de Governo. Não existe uma solução para todos os problemas e cada país deverá achar a sua melhor matriz energética sem copiar modelos que não se adequam a sua realidade. Por exemplo, a China que tem poucas reservas de gás e petróleo, passou a desenvolver sua base energética e química (fertilizantes, metanol, etc.) a partir do carvão, cujas reservas são abundantes e de baixo custo. O Brasil é um país afortunado, pois tem um potencial de todas as fontes energéticas de forma competitiva e por isso o planejamento energético tem que ser bem discutido.

Está claro que mundo da energia é movido pela competitividade, pela busca constante do baixo custo e pela segurança energética. A questão econômica está no centro das discussões mas deveremos ter lucidez para tratar da segurança energética, da equidade (dar energia para 1,2 bilhões de pessoas no mundo) e do meio ambiente. Para isso, devemos ter serenidade e lógica, tratando da energia no mundo real e não na ficção.

Fernando Luiz Zancan – Presidente da Associação Brasileira do Carvão Mineral (ABCM)

Outubro de 2013.